



ISSN 1984-5634

ARTIGO

ESCOLAS, AULAS NOTURNAS E INSTRUÇÃO PARA OS “HOMENS DE COR”: UMA ANÁLISE A PARTIR DO JORNAL *O EXEMPLO* (PORTO ALEGRE/RS, 1895-1904)

*Schools, night classes and instruction for “men of color”: an analysis
based on the newspaper O Exemplo (Porto Alegre/RS, 1895–1904)*

RICARDO COSTA DE SOUSA¹

RESUMO

Este artigo é resultado do levantamento de um conjunto de textos que tematizam sobre escolas e aulas noturnas para os “homens de cor” publicados no jornal *O Exemplo*, no Rio Grande do Sul, objetivando discutir como a editoria e os colaboradores do referido impresso inscrevem as escolas e as aulas noturnas ao alcance dos “homens de cor” em contraposição à “ignorância”. A análise procedeu a localização de referências/ocorrências da temática proposta, escolas e aulas noturnas (1895-1904). Ao estudar a imprensa como um veículo educativo, este artigo se insere no campo da História da Educação. Além disso, considera a diversidade de objetos e grupos étnicos sob a perspectiva teórico-metodológica da História Cultural, tentando decifrar a realidade do passado por meio das suas representações. A análise indica que os editores e colaboradores de *O Exemplo* empreenderam inúmeros esforços para seguirem levantando a bandeira da instrução e assegurarem que a escola e as aulas noturnas possibilitariam o “aperfeiçoamento moral e intelectual” dos “homens de cor”.

PALAVRAS-CHAVE: Escolas e aulas noturnas. Jornal *O Exemplo*. Homens de cor.

ABSTRACT

This article is the result of a survey of a set of texts that address schools and night classes for “men of color” published in the *O Exemplo* newspaper, in Rio Grande do Sul, Brazil. The objective is to discuss how the editors and collaborators of the aforementioned newspaper inscribed schools and night classes accessible to “men of color” in contrast to “ignorance”. The analysis proceeded by locating references/occurrences related to the proposed theme, schools and night classes (1895-1904). By studying the press as an educational vehicle, this article belongs to the field of the History of Education. Additionally, it considers the diversity of objects and ethnic groups through the theoretical-methodological lens of Cultural History, attempting to decipher the reality of the past through its representations. The analysis indicates that the editors and collaborators of *O Exemplo* made numerous efforts to continue raising the banner of instruction and ensuring that schools and night classes would facilitate the “moral and intellectual improvement” of “men of color.”

KEYWORDS: Schools and night classes. *O Exemplo* newspaper. Men of color.

GERÊNCIA EDITORIAL:

Bruna Cristina Oliveira Pupe
Pedro Haas Zanotto

SUBMETIDO: 02/12/2023

ACEITO: 17/07/2024

COMO CITAR:

SOUSA, R. C. Escolas, aulas noturnas e instrução para os “homens de cor”: uma análise a partir do jornal *O Exemplo* (Porto Alegre/RS, 1895-1904). *Aedos*, Porto Alegre, v.17, n.40, p.261-275, jan.–jun., 2025.

<https://seer.ufrgs.br/aedos/>

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor Adjunto do Departamento Acadêmico de Ciências da Educação da Universidade Federal de Rondônia (DACED-UNIR) e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Rondônia (PPGE/UNIR). ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-1189-6079>. E-mail: ricardoluter@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado do levantamento de um conjunto de textos que tematizam escolas e aulas noturnas para os “homens de cor”, publicados no jornal *O Exemplo*, no Rio Grande do Sul, objetivando discutir como a editoria e os colaboradores² do referido impresso inscrevem as escolas e as aulas noturnas ao alcance dos “homens de cor” em contraposição à “ignorância”³.

Cabe abordar que o jornal *O Exemplo* foi publicado semanalmente, constando edições de quatro (4) a seis (6) páginas, com circulação no Rio Grande do Sul, mas com ressonâncias em outros estados do país. Para o recorte aqui delimitado, constam diferentes cargos assumidos pela editoria, a saber: em 1895, tem-se Aurelio Junior no cargo de redator e editor e como diretor-gerente, Pedro de Almeida. Dois anos depois, em 1897, tem-se Antônio E. Bandeira no cargo de redator-chefe, Arthur de Andrade, Alfredo C. de Souza, M. Freitas, Miguel Cardoso e F. Calisto na comissão de redação e, por último, Florencio Calisto no cargo de diretor-gerente. Em 1902, o jornal *O Exemplo* tem uma nova composição, a saber: Esperidão Calisto e Tacito Pires no cargo de redatores e Vital Baptista no cargo de gerente. Em 1904, comparece Felipe Eustachio no cargo de administrador, Alcibiades dos Santos e Esperidão Calisto como redatores e Vital Baptista no seu cargo de gerente. Nesse ínterim, Tacito Pires, ao se retirar do cargo de redator, assume como diretor do periódico.⁴

Antes de adentrar a discussão aqui empreendida, cabe informar que foi realizado o levantamento das edições disponíveis do jornal *O Exemplo* publicadas entre os anos de 1892 e 1930, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Contudo, localizou-se a referência/ocorrência da temática proposta – escolas e aulas noturnas – apenas entre 1895 e 1904, definido aqui como recorte temporal. Essas ocorrências, associadas à instrução, no conjunto dos textos publicados pela editoria e pelos colaboradores, em geral, problematizam se as escolas e as aulas noturnas⁵ estavam ao alcance dos “homens de cor”. Isso porque, para os editores e colaboradores de *O Exemplo*, as trevas da “ignorância”⁶ que recaíam sobre os “homens de cor” eram atribuídas ao período imperial, responsável pelo “atraso” prejudicial à boa marcha da nação brasileira. Sinalizam a República como o regime da igualdade e da liberdade, pois, segundo eles, era tempo de reparar o mal e a “ignorância” com o escudo da instrução.

Nesse sentido, o jornal *O Exemplo* assume-se como um impresso que difunde posicionamentos diversos em torno da instrução para um grupo racial particular, os “homens de cor”, porque, por meio de escolas e aulas noturnas, eles poderiam, com a luz da instrução, aperfeiçoar seus conhecimentos. Portanto, Campos registra que “a imprensa é tanto um veículo educativo quanto um meio de ocupação da esfera pública, compartilhado por diversos grupos sociais pelo menos desde o século XIX” (2012, p. 56).

2 Com relação à participação dos colaboradores em *O Exemplo*, a editoria é insistente em afirmar que não se responsabiliza pelos textos publicados por eles no periódico. Para Santos, o termo colaborador, presente no jornal *O Exemplo*, se refere “a todos aqueles que escreviam para o jornal sem regularidade, de forma eventual” (2011, p. 161). Ao discutir a participação de colaboradores no periódico *A Ilustração*, Luca aborda que essa “questão é relevante por colocar em debate a figura do colaborador que, como ensinam os dicionários, semanticamente remete a cooperar, participar, contribuir, concorrer, produzir em conjunto trabalho ou obra e auxiliar outrem em suas funções” (2018, p. 135).

3 Este texto trata da ampliação de um debate empreendido e publicado na revista *Métis*, cujo foco principal residia apenas nas aulas noturnas ao alcance dos homens de cor (Sousa, 2024).

4 Em relação a trajetória dos integrantes da editoria e dos colaboradores do jornal *O Exemplo*, consultar Perussatto (2018), Sousa (2019) e Santos (2011).

5 Vale frisar que a abertura de escolas e aulas noturnas é defendida como requisito imperioso à efetivação da igualdade social e aqui são compreendidas, por um lado, a escola, como uma instituição pública, ofertada pelo Estado; por outro, as aulas, como possibilidade de ser acessada por meio de associações, irmandades e outros.

6 O termo “ignorância” trata-se de uma de uma construção social de época.

Essa afirmativa indica que este artigo se inscreve no campo da História da Educação, por considerar a diversidade de objetos e grupos étnicos (Stephanou; Bastos, 2011).

Ao tratar de grupos étnicos na História da Educação, cabe destacar a produção de Fonseca e Barros (2016), *A História da Educação dos Negros no Brasil*, com recorte racial definido, o que é um fenômeno recente na historiografia da educação. Segundo Fonseca (2016, p. 24), tal perspectiva sugere pensar sobre: a) as influências e/ou procedimentos de escrita da História da Educação; b) os questionamentos frente às formas tradicionais de representação dos negros na historiografia da educação; c) a instrução como mecanismo de mobilidade e de “aperfeiçoamento moral e intelectual” dos “homens de cor”. Isso porque, se pode inferir que, a disseminação do conhecimento pelo país aconteceria mediante a promotora desse desiderato, a escola.

Desta forma, tomou-se exclusivamente o jornal *O Exemplo* como documento empírico e a perspectiva teórico-metodológica da História Cultural para análise dos textos que versam sobre as escolas e aulas noturnas, circunscritas no referido impresso. Tal perspectiva visa “decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo” (Pesavento, 2008, p. 42), bem como esclarecer que esse é “um processo complexo, pois o historiador vai tentar a leitura dos códigos de um outro tempo, que podem se mostrar, por vezes, incompreensíveis” (Pesavento, 2008, p. 42). Aí residem os esforços do historiador da educação em cerca-se de um arsenal de uma época que não é a sua.

Tais observações ensejam compreender que a referida perspectiva é feita de recobrimentos, de sedimentações, de inércias, isto é, não se sentem as mesmas coisas, segundo uma série de critérios, quer seja de sexo, idade, categoria social, local geográfico, tradição, seja da cultura que se recebe. Assim, cabe ao historiador da educação tentar entender essa complexidade e simultaneidade de atitudes muito diferentes segundo os indivíduos, grupos, gerações e cultura (Pesavento, 2008; Corbin, 2005).

Outro autor que colabora na análise dos textos é Ginzburg (2007), o qual sugere pensar que uma temporalidade fugidia só pode ser acessível através de registros, sinais, indícios e vestígios. Isso porque não é possível estudar um tempo passado senão por meio daquelas evidências que deixaram algum registro ou que foram objeto de uma descrição densa, ou seja, procurar captar o maior número de experiências humanas implicadas com o objeto e colocar-se no lugar dos atores, reconstruindo sua lógica de pensamento.

A partir das lentes da História Cultural, tomou-se o conceito de representação, relevante para este texto, apesar de ser, de acordo com Pesavento, um “conceito ambíguo, na relação que estabelece entre ausência e presença, ele não é uma cópia do real, imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma construção” (2008, p. 40). Segundo Chartier, esse conceito “permite vincular estreitamente as posições e as relações sociais com a maneira como os indivíduos e os grupos se percebem e percebem os demais” (2010, p. 49).

Nesse sentido, analisa-se que os editores e colaboradores de *O Exemplo*, ao empreenderem esforços em incitar os “homens de cor”, conclamam a sociedade como um todo, em especial as irmandades, as associações e a iniciativa particular, para contribuírem com o “desaparecimento da ignorância”. Logo, os textos aqui arrolados incitam e levantam a bandeira da instrução para o “aperfeiçoamento moral e intelectual” dos “homens de cor” através de escolas e aulas noturnas, disseminadas no jornal *O Exemplo*.

Vale frisar que a temática da instrução na perspectiva positivista foi amplamente difundida nos discursos governamentais do Rio Grande do Sul do final do século XIX e primeiras décadas do XX, defendendo e inscrevendo a escola como um instrumento disciplinador e moralizador. Nesse contexto, por um lado, se a escola deveria construir um ser humano disciplinado, atento ao cuidado do corpo e à higiene; por outro, o processo de instrução deveria atender a todas as pessoas indistintamente (Silva, 2007). Nesse sentido, a chamada Imprensa Negra no Rio Grande do Sul, formada por intelectuais negros que, escreviam para “homens de cor”, mas também, para um público leitor mais amplo, compartilhou anseios e desejos. E, no caso do jornal *O Exemplo*, anunciou os benefícios da instrução como promotoras de mobilidade social e de inserção na cultura escrita (Sousa; Camargo, 2023).

Por fim, ao longo do texto será apresentado a potência da produção intelectual negra, em especial, no que diz respeito a uma imprensa educadora,⁷ que contribuiu significativamente para a construção do “pensamento social negro da época” e dos debates em torno da “importância da instrução para o exercício de direitos republicanos ainda negados aos “homens de cor”, em pleno florescimento da “democracia brasileira” (Sousa; Camargo, 2023, p. 126).

ESCOLA E AULAS NOTURNAS: A INSTRUÇÃO EM CONTRAPOSIÇÃO À “IGNORÂNCIA” EM O EXEMPLO

A editoria do jornal *O Exemplo* (1895–1904) e seus colaboradores publicaram inúmeros chamamentos, ou seja, empreenderam verdadeiras cruzadas em prol da instrução dos “homens de cor” e, como viés para assegurá-la, registraram as escolas e as aulas noturnas como possibilidades de afastamento da “ignorância”, considerada um dos piores males de uma sociedade. Nesse sentido, o termo “ignorância”, que circunscreve inúmeras páginas desse periódico, é representado pela editoria e por seus colaboradores através de diversas metáforas como trevas, escuridão, abismo, mal, cancro, estado de servilismo e atraso. Consta também, referências de que a “ignorância” é prejudicial ao progresso, é responsável por “estiolarem inteligências”, é considerada como carência intelectual, submissão, reflexo da escravidão, que precisavam ser espancadas com a luz do conhecimento, ou seja, com a luz da instrução. Por isso, já em 1893, Miguel Cardoso (1893), demonstra sua preocupação quanto a

Trabalhar para a civilização dos povos [...] travar luta contra a ignorância, convictos de levá-la de vencida, propagando os benefícios que a instrução deve trazer à raça que, quase meio século, sofreu o obscurantismo e gemeu ao peso da mais ignominiosa opressão (*O Exemplo*, 1893, p. 1).

A partir dessas considerações, Corsetti (2008), aborda que, a “ignorância” pode ser entendida como sujeira, feiura, doença, loucura, vadiagem, morte, ou seja, a desordem, elemento que deveria ser eliminado. Ao que tudo indica, a abertura de aulas noturnas poderia colaborar com o “progresso”, pois, nas palavras de Corsetti, são consideradas ingredientes da limpeza, do embelezamento das cidades, da saúde, da reprodução da vida, da educação e, “em paralelo, a disciplina, a ordem, a produtividade, a lucratividade” (2008, p. 58). Há, portanto, uma ideia homogeneizante de que a escola civilizava, instruía e disseminava o conhecimento. Logo, ela poderia modificar “os homens de cor”, possibilitando-lhes abandonar a “ignorância”.

⁷ No que tange a Imprensa Negra e Imprensa Educadora, consultar o Projeto Pine – Projeto Imprensa Negra Educadora, desenvolvido na UFRGS, sob a coordenação da Profa. Dra. Melina Perussatto, disponível em: <https://www.ufrgs.br/pine/>.

Ao que tudo indica, as palavras de Corsetti (2008) são permeadas de um discurso eugenista de educação. Entretanto, a editoria do jornal *O Exemplo*, entendendo sua missão para com os seus congêneres, já na sua primeira edição assegura:

Devemos mostrar à sociedade que também temos um cérebro que se desenvolve segundo o grão de estudo a que o sujeitemos e, por consequência, que também nos podemos alistar nas cruzadas e empreender lidas pela inteligência, muito embora algum estulto nos queira acoimar, ou seja porque desconheça as nossas legítimas aspirações, ou seja porque faça parte dos doutrinadores que julgam o homem pela cor da epiderme (*O Exemplo*, 1892, p. 1).

O excerto transcrito apresenta, por um lado, representações sobre a incapacidade dos “homens de cor”, em especial na perspectiva daqueles que empreenderam esforços a fim de interpor impedimentos legais de acesso ao conhecimento; por outro lado, deixa evidente que existem “homens bem-intencionados” a alistarem-se nas “cruzadas” em prol de aulas noturnas para os “homens de cor”.

Zubaran, ao questionar as desigualdades étnico-raciais no pós-abolição, explica que o jornal “*O Exemplo* apresentava-se como porta voz dos homens de cor e implicitamente manifestava-se contra o racismo científico” (2008, p. 7), baseado na cor da pele e outros determinantes. Assim, os membros do corpo editorial de *O Exemplo* empreenderam estratégias de acesso ao conhecimento, o que possibilitou, como eles mesmos afirmam, “empreender lidas pela inteligência”.

Nessa direção, Bahia, ao abordar “a representação da instrução como redentora de todos os males da comunidade negra, referida frequentemente pela metáfora da luz contra a escuridão” (2016, p. 66), assegura remeter a ideias iluministas. Isso porque, pelo viés da razão, seria possível solucionar “todos os problemas do presente e se reorganizaria o mundo rumo a um futuro mais promissor” (Bahia, 2016, p. 66). Possivelmente, a luz da instrução, dispensada a partir de escolas e aulas noturnas, contribuiria para o aperfeiçoamento moral e intelectual dos “homens de cor”, visto o estado de “ignorância” ao qual os negros foram, sumariamente, submetidos durante o regime escravocrata. Contudo, para os “homens de cor”, essa classe recém-liberta, era o trabalho que contribuía para a manutenção de sua sobrevivência, de modo que eles atribuem à escola um papel secundário, porque, por serem pobres, sua preocupação primeira era saciar a fome do corpo, não a fome intelectual.

As cruzadas em prol do afastamento das trevas da “ignorância” são uma mobilização dos “homens de cor” para que crianças e adultos pudessem viver sob as luzes da sabedoria, do conhecimento que se adquire na escola. Para um novo momento do Brasil republicano, tornava-se um imperativo discutir, ou melhor, criar escolas para o povo, em especial, para o povo pobre, inclusive para os “homens de cor”, de forma que pudessem se instruir. Isso porque uma sociedade civilizada ressoa no progresso da nação e pessoas desocupadas podem ser potencialmente perigosas (Gil; Grando, 2022).

Na produção intelectual de Veiga (2008), é possível indicar que a instrução primária ou elementar recebeu, desde os finais do século XIX, o reconhecimento de sua função necessária, inclusive, para as classes populares da sociedade brasileira. A autora sugere que a ausência de escolas e aulas noturnas para os “homens de cor”, a partir de um discurso salvacionista, determinaria o atraso da nação, inscrevendo “a educação popular como condição de progresso e civilização” (Veiga, 2008, p. 513).

Nas palavras da editoria d’*O Exemplo*, “o ensino primário sempre foi gratuito”, de modo que após sua conclusão os alunos poderiam continuar a estudar, ocupando seu tempo com algo que lhes renda certo honorário, “frequentando as escolas noturnas, de uma mocidade ao alcance dos mais pobres”

(O Exemplo, 1895, p. 1). A referência a escolas noturnas é uma questão que merece ser problematizada, porque sugere a frequência dos “homens de cor” em aulas noturnas, o que significa excluí-los do direito à escolha do período de estudo, em virtude de garantir sua sobrevivência, o pão intelectual.

A editoria (1895), ao afirmar que o ensino primário era gratuito e oportunizaria o acesso à instrução aos “homens de cor”, não problematizou nem empreendeu esforços para compreender os mecanismos e as condições de infrequência deles nas escolas públicas para a superação da “ignorância”. Frente a essa referência, Santos (2011) aborda que:

Os redatores procuravam afirmar a capacidade intelectual dos negros com a divulgação de exemplos de pessoas que haviam conseguido, por meio da busca da instrução e do aperfeiçoamento do conhecimento, melhorar suas vidas” (Santos, 2011, p. 158).

Registra que alguns “homens de cor” acessaram espaços no funcionalismo público, o que mostra uma possibilidade de ascensão profissional possível e, como exemplo, cita “Manoel Victorino, filho de um operário, como todos, pobre e que ‘por si’ elevou-se ao cargo de segundo magistrado deste país!” (O Exemplo, 1895, p. 1).

Ao que tudo indica, Manoel Victorino dispunha de um diploma que oportunizou sua inserção no funcionalismo público. Tal referência se aproxima da produção de Fadul e Galvão (2020), quando inscrevem a escola como uma instituição que dispõe do poder de expedir um diploma. Esse documento, tão bem valorizado pela sociedade, poderia, portanto, modificar o futuro, pois, segundo as autoras, “a diplomação (assim como a escolarização) constituía um importante mecanismo para a ascensão social e cultural” (Fadul; Galvão, 2020, p. 471). No entanto, para o caso aqui analisado, configurou-se como mais uma oportunidade negada para a maioria dos “homens de cor” no sul do Brasil.

No escopo analisado, inúmeros indícios se apresentam sobre o anseio de frequentar escolas e aulas noturnas ou mesmo realizar estudos avançados. Em 1895, a editoria comunicava aos jovens pobres que desejassem prosseguir nos estudos nos cursos superiores, por exemplo, de que “há sempre sociedades beneficentes que amparam tanto quanto podem os seus colegas desprotegidos da sorte, para não falar em mãos caridosas (e há bastante!) que espalham profusamente ouro para a manutenção necessária de muitos tutelados gratuitos” (O Exemplo, 1895, p. 1). A partir desse excerto, entende-se que a frequência nas aulas dos “cursos acadêmicos” poderia ser custeada por particulares ou agremiações, sendo considerada livre. Desse modo, “o pobre” que tinha certa vontade de saber poderia, empregado, “cursar um instituto para a conquista de um diploma que o afaste, mais tarde, da obscuridade de ignorância e o liberte quiçá dos pesados grilhões da pobreza” (O Exemplo, 1895, p. 1).

Assim, a manutenção ou o cultivo da “ignorância” apresentava-se como um mal que precisava ser superado no regime republicano, pois, alinhado com um ideal de progresso, se construiria uma nação civilizada porque instruída. Nesse sentido, *O Exemplo* assegurava que um povo instruído saberia cultivar seus talentos, como também fazer uso desses talentos em prol do país, sinalizando as aulas e/ou escolas noturnas como mecanismo para efetivar esse ideal. Diante disso, a criação de uma Escola Noturna, como “O Exemplo”, visava ao “levantamento intelectual das classes desprotegidas” bem como “servir para melhorar o estado intelectual dos nossos irmãos” (O Exemplo, 1902a, p. 4).

De acordo com Perussatto (2022), os editores e colaboradores de *O Exemplo*

Militavam em associações de classe e/ou raça e, [...] evidenciavam as articulações entre lutas negras e operárias no alvorecer do novo século, bem como diálogos afrodiaspóricos na busca pela efetiva emancipação (Perussatto, 2022, p. 2).

Na análise realizada, entende-se que, para a editoria (1902b), as escolas e as aulas noturnas eram uma possibilidade para que os “homens de cor” pudessem ilustrar-se, como segue:

Uma das primeiras carências do nosso meio social é honestamente a instrução. Os nossos homens, nascendo enfaixados na necessidade [...] são desde muito novos atirados às oficinas, aos braços do trabalho antes de terem podido acumular uma bagagem intelectual de conhecimentos que fora necessário em toda a vida e não podem, quando por reflexão a avaliar o mal que a falta de conhecimentos lhe acarreta, repará-lo porque seus ganhos bastam apenas para suas necessidades e o governo não mantém aulas noturnas onde os filhos do povo possam instruir-se (*O Exemplo*, 1902b, p. 1).

O primeiro destaque que se faz necessário nesse excerto é que a principal carência do povo, dos “nossos homens” – entende-se “homens de cor” –, era a instrução. Essa carência residia em um problema mais grave, pois, desde a tenra idade, os “homens de cor” eram atirados ao trabalho, antes de acumularem qualquer bagagem intelectual. O segundo destaque reside em um tom de denúncia, uma vez que o governo não ofertava aulas noturnas aos filhos do povo, “dos nossos”, de modo que, carentes de instrução, pudessem se instruir.

A inexistência da oferta de aulas noturnas a esses trabalhadores favorecia a permanência do estado de “ignorância”, impedindo-os de alcançar conhecimentos úteis, bem como de atingir outro patamar social. Cabe lembrar que foram vários os imperativos do trabalho precarizado e subalterno que afastaram da escola muitos “homens de cor”, “fazendo circular a ideia de que as classes trabalhadoras eram ignorantes – e por isso não davam valor ao estudo, permitindo a seus filhos abandonarem os estudos” (Gil; Grando, 2022, p. 6).

A editoria (1902b) e seus colaboradores, sabedores do estado de “ignorância” dos seus e da ausência de escolas e aulas noturnas, pronunciavam-se da seguinte forma: se “o governo não cria escolas noturnas, criamo-las nós” (*O Exemplo*, 1902b, p. 1). Tal expressão de denúncia, nas páginas seguintes, demonstra seus esforços para que se torne realidade a abertura da escola noturna. Um desses esforços da editoria de *O Exemplo* se inicia com o trabalho de publicar informes que pudessem sensibilizar as associações e particulares no auxílio desse projeto para os “homens de cor”.

Os editores e colaboradores do jornal *O Exemplo*, sabedores do comprometimento social e político, entendiam que seus congêneres, para utilizar as palavras de Fadul e Galvão, “precisavam ser resgatados da ignorância e do despreparo para a vida à qual estavam predestinados [...], levando-se em conta o meio familiar do qual faziam parte, em que a ausência escolar prevalecia” (2020, p. 467). Parafraseando as autoras, a escola para os “homens de cor” poderia desempenhar uma ponte, entre a rudez e o polimento de suas ações e sua capacidade intelectual.

Já a ausência do Estado pode ser notada em Muller (2013) ao afirmar que

O governo não cumpriria sua obrigação e pensando já ser mais do que a hora de propor uma alternativa, o grupo dirigente de *O Exemplo* conclamou o auxílio de homens e associações negras para fundar uma escola noturna, cujo nome seria *O Exemplo* (Muller, 2013, p. 116).

A autora sugere que essa negação do direito⁸ à instrução se deve ao contexto perverso do sistema escravocrata. E, nessa perspectiva, a editoria registra que, “em outros tempos, quando o país ainda não estava constituído democraticamente, quando um trono pesava sobre os brasileiros e o imperador, para ter soldados dedicados na sua defesa, precisava de ignorantes” (O Exemplo, 1902b, p. 1), poder-se-ia justificar a ausência de escolas e aulas noturnas para os “homens de cor”.

A editoria (1902c) escreve como o cultivo de um passado de “ignorância” interferia de forma perversa na vida daqueles que não tomavam o caminho da escola, da instrução, do conhecimento:

Os homens atirados à noite da ignorância, não encontrando melhores diversões que as tavernas e os bordéis a elas se entregam, não podendo embriagar-se nos encantos que as ciências guardam em seus arcanos, procuram a embriaguez no álcool, não tendo noção de dignidade que não seja a repulsa do insulto pela força bruta, lá, vem um dia em que tentam o homicídio e mesmo o consumam; sem proteção, sem trabalho muitas vezes, e sempre sem mais do que o estritamente necessário para não morrer de fome, sem o escudo da instrução para defendê-los dos golpes de desejos imoderados, sem o conhecimento dos deveres que ponham freio aos assomos de sua animalidade, comete os alienados ao pudor, lenocínio, o roubo (O Exemplo, 1902c, p. 1).

O excerto transcrito demonstra o comprometimento da editoria com a divulgação e sensibilização dos “homens de cor” para a necessidade de instruírem-se, bem como dos benefícios que a escola e aulas noturnas poderiam proporcionar. De modo esquemático, o que se depreende é que, por um lado, temos a “ignorância” como sinônimo de noite, de trevas e do mal; e, por outro, frequência de escolas e aulas noturnas como responsáveis por disseminar a luz, o bem mais precioso que é a instrução. Nas palavras de Fadul e Galvão, a escola é “uma espécie de luz, de lanterna que clareava os caminhos da vida, possibilitando àqueles que a frequentavam melhoria de vida” (2020, p. 467) – dicotomias recorrentes naquele período. Após a editoria (1902c) comunicar aos leitores que a abertura de uma escola noturna seria uma boa obra para o progresso e engrandecimento do Estado, a colaboradora, sob a assinatura “Uma Democrata” (1902), fez o seguinte apontamento:

Se em todos os corações existisse o fogo crepitante da fé e o riso censurador da esperança, essa Escola Noturna que *O Exemplo* anuncia seria o ponto para onde convergiriam todas as ideias, todas as atividades. Mas qual! Um desalento profundo, uma inércia cruel se apodera de todos os peitos, e quem sabe se esta ideia duplamente altruísta não provocou risos de escárnio, condenáveis impropérios! Que valerá então que peitos nobres queiram sacrificar-se pelo levantamento moral de nosso povo, se outros não se unificam com ele e não tomam por divisa esta frase – Querer é poder! (Uma democrata, 1902, p. 1).

A autora lamenta que o fogo crepitante não estivesse presente nos corações de todos para levar a cabo a abertura de uma escola noturna, tão necessária para o levantamento moral e intelectual dos “homens de cor”. Contudo, se por um lado é possível identificar uma esperança na abertura de uma escola noturna em Porto Alegre,⁹ por outro, é possível destacar o caso da Biblioteca Pública Pelotense, apontada no estudo de Peres (2002) como obra necessária e útil aos trabalhadores no final do século XIX para “instruir as classes populares”, o que incluía os “homens de cor”. Nesse sentido, a autora afirma:

8 No que tange a negação de direito registra-se que, era uma prática “costumeira”, isto é, inscrita nos costumes e não na lei, já que o Estado republicano não definiu a instrução elementar e o acesso a ela como um dever civil estabelecido em lei. Nessa perspectiva, o direito à instrução ocorre lentamente ao longo da primeira metade do século XX, especialmente, por meio das reformas educacionais adotadas pelos estados federativos e não pela Federação.

9 A esse respeito, vale assinalar que, “as estratégias educacionais criadas e implementadas pelas organizações negras em Porto Alegre, no final do século XIX, e ao longo do século XX, foi cumprida, [...] independentemente da sua configuração, sejam elas de ajuda mútua, bailantes, carnavalescas, esportivas [...]” (Pereira, 2008, p. 288.)

A elite pelotense desejava, efetivamente, que Pelotas ostentasse o título de mais civilizada e instruída das cidades gaúchas e, quiçá, brasileiras. Assim, ganhou força entre alguns de seus membros a ideia de que a instrução e a formação dos homens das classes populares era uma tarefa que lhes cabia. [...]. Associou-se ao projeto de instrução, a educação moral, que visava à formação de hábitos e atitudes compatíveis com o que era considerado um bom trabalhador (Peres, 2002, p. 160).

A iniciativa, entre os anos de 1875 e 1915, desencadeada pela elite pelotense, de criação de aulas noturnas de instrução primária, direcionadas, sobremaneira, aos homens adultos e meninos pobres, apresentava um programa bem definido no sentido de incutir normas de disciplinamento, como também valores sociais que reforçavam a necessidade do trabalho como forma de combater o ócio e a vagabundagem. Em alguma medida, é provável que a editoria de *O Exemplo* não desconhecesse as iniciativas de aulas noturnas para a instrução popular e que inclusive tenham se inspirado nessas experiências.

A propósito, ao tratar sobre o cultivo da liberdade, ou seja, da instrução nos tempos de emancipação, Silva sublinha que, “educar era uma maneira de conseguir garantias de sujeição e disciplina, de se cultivar o amor ao trabalho e outros valores entendidos como necessários à ordem social” (2023, p. 99). Na sequência, Silva registra que, para os negros que viveram a escravidão ou em condição de liberdade, a instrução e/ou o acesso ao ensino no período noturno, visava “suprir demandas de suas realidades de trabalho, construir autonomia, ou mesmo se fazer reconhecidamente livres” (2023, p. 99).

Entretanto, ao retomar o debate das produções que versam sobre o caráter disciplinar da instituição escolar, Rago (1985) evidencia que, no final do século XIX, a escola seguia rigorosa e ordenadamente uma pedagogia, na qual os “homens de cor” aprenderiam

A respeitar, isto é, a temer, a submeter-se aos superiores hierárquicos, aos horários, aos regulamentos, às instruções, responder devidamente aos estímulos, na instituição escolar ou no processo de trabalho” (Rago, 1985, p. 153).

O texto, sob assinatura de “Uma democrata”, clama “aos peitos nobres” que persistam na iniciativa de levar a luz da instrução àqueles que dela carecem, pois “Querer é poder!” (Uma democrata, 1902, p. 1). Nessa direção, a Proclamação da República é considerada um marco importante para a garantia do direito à instrução aos “homens de cor”. Contudo, poucos esforços são apresentados pelo governo no estado do Rio Grande do Sul na oferta de aulas públicas, ficando a cargo, em boa medida, da iniciativa de associações e particulares que abriram aulas noturnas para “espancar as trevas” da “ignorância” na qual estavam imersos os “homens de cor” (Uma democrata, 1902, p. 1).

Em 1902, a editoria de *O Exemplo* novamente registra que a abertura de escolas e aulas noturnas é uma obra necessária, dado que é observável que, em seu meio, há inteligências que se estiolam em virtude da ausência cultural (O Exemplo, 1902c). A esse respeito Fadul e Galvão inscrevem a escola como “uma espécie de entidade capaz de tornar homens e mulheres seres civilizados, na medida em que possibilitava [...] a aquisição de conhecimento, ‘cultura’ e sabedoria” (2020, p. 465). Enquanto isso, a editoria retoma o tema e descreve: “o descaso em que a instrução das classes proletárias vai votado, é terrificante para quem vê no estado de ignorância em que crescem os filhos dos pobres, o campo aberto ao vício e ao crime” (O Exemplo, 1902c, p. 1). A partir desse cenário, a editoria (1902d) critica a ausência de escolas noturnas:

É necessário, pois, que a iniciativa particular posta entre o poder do Estado e o Povo, aproveitando o auxílio e a boa vontade de ambos, procure realizar a obra que ao Estado seria impossível levar a efeito.

Os filhos dos proletários necessitam de instrução, a maior parte dos desprotegidos da fortuna necessitam dos meios de instruir-se, os trabalhadores tem sede de saber, porém o dia está roubado pela necessidade do pão e há falta de escolas noturnas, rapazes pobres tendo preparatórios não podem prosseguir seus estudos porque as academias existentes por seus regulamentos só facilidades oferecem aqueles que, de favores não precisam – aos filhos dos ricos, aos que têm todos os recursos para estudarem, e este estado de coisas não pode perdurar sem graves prejuízos. (O Exemplo, 1902d, p. 1).

No excerto, a editoria faz sobressair duas manifestações bem definidas, quando aborda a ausência de escolas noturnas e as queixas e denúncias constantes e recorrentes ao longo das publicações de *O Exemplo*. Considera-se que em um cenário de inteligências que se estiolam devido ao estado terrificante de “ignorância” em que os filhos dos pobres estão submersos, o acatamento de uma proposta de projeto como o do Atheneu Popular, de iniciativa particular, seria uma oportunidade de instrução, de fato, para os desprotegidos de fortuna. Ao levar a efeito essa “obra útil ao povo”, a editoria apela às associações e a particulares de diversos gêneros, solicitando auxílios a fim tornar realidade a abertura de uma escola noturna para os “homens de cor”.

Com relação às associações e a particulares, Perussatto registra:

As associações negras ou de classe eram importantes espaços educativos e instrutivos, conjecturamos haver ainda a expectativa de que alguma das associações abrigasse as aulas da escola enquanto não fosse possível adquirir uma sede própria (Perussatto, 2022, p. 14).

Contudo, poucos tinham devotado interesse por essa obra, alguns porque duvidavam de seu êxito e, seguramente, outros devido à ausência de cultura apresentada pela maior parte de seus membros. Dois anos depois, foi possível localizar a colaboração de Rodrigues (1904), quando escreve que a abertura de escola e aulas noturnas é uma necessidade que só seria uma realidade com recursos dispensado por todos. Ele sugere “a fundação de um instituto instrutivo dos associados, cujas funções noturnas não prejudicariam os afazeres diários” (Rodrigues, 1904a, p. 1). Na sequência, prossegue:

Seria mais proveitoso do que dançar; então essa mocidade saberia, que a língua portuguesa é de uma beleza superior a todas, e que é um crime deixar de estudá-la! Que o estudo de aritmética é indispensável em qualquer dos ramos sociais. O estudo do idioma francês é imprescindível ao estudo da ciência. Álgebra é a parte das matemáticas que trata da resolução dos problemas e demonstra os teoremas, por meio de símbolos, e que, na França, Alemanha, Inglaterra e principalmente nos Estados Unidos da América do Norte, é considerada como um dos ramos de mais utilidade e interesse na instrução (Rodrigues, 1904a, p. 1).

Nessa referência, Rodrigues sinaliza possibilidades de as associações reverem suas leis e regulamentos, no sentido de atentarem para uma necessidade urgente, a instrução de seus sócios a partir da abertura de escolas e aulas noturnas nas mais variadas ciências úteis às civilizações mais avançadas. Na semana seguinte, Rodrigues assinala que as agremiações recreativas “podiam destinar uma parcela de suas receitas ao auxílio ou criação de escolas e aulas noturnas onde os seus membros pudessem encontrar, sem grande dispêndio, os conhecimentos, que apontamos como os mais necessários e indispensáveis” (1904b, p. 1).

Contudo, o autor queixava-se, no lançamento desse desiderato:

Não avançamos, porém, a esta asserção sem termos por diversos fatos estudados as condições econômicas das associações; eis um dos que nos leva a assim argumentar: Se muitas de nossas associações para gozarem a liberdade de efetuar as suas reuniões periódicas concorrem com um imposto que ousou chamar absurdo, como não destinam essa quantia à ação meritória da instrução de seus membros? Expliquemos porque não o fazem. Não o fazem porque ainda não compreenderam bem que a causa de todos os males e a humildade consequente de nossa nenhuma cultura intelectual: porque ainda alcançaram bem que a instrução nivela os homens de todas as origens e de todas as raças. Por compreendermos isto, é que insistimos sempre na necessidade da instrução dos nossos (Rodrigues, 1904b, p. 1).

O colaborador se queixa e lamenta o impasse para abertura de escolas e aulas noturnas pelas associações. Expõe como elas poderiam proceder para a efetivação desse desiderato, aplicando os impostos que cobram em prol da instrução dos seus, bem como sinaliza que tal obra não foi concretizada devido à incompreensão de sua importância. Contudo, o que se sobressai nesse excerto é o entendimento de que “a instrução nivela os homens de todas as origens e de todas as raças”. Por isso, a insistência da editoria em incitar as associações à abertura de escolas e aulas noturnas para os “homens de cor”, de modo a promover a igualdade social. Assim, ao ser suprida essa carência, seria possível perceber o melhoramento “do estado intelectual dos nossos homens” e o usufruto de seus direitos como cidadãos, levando-os a “aprender o que ignoravam” (Rodrigues, 1904b, p. 1).

Outro colaborador que escreve para o jornal *O Exemplo* é D’Aguiar (1904). Em seu texto, discute a abertura de um estabelecimento popular de ensino cogitado entre outubro de 1902 e janeiro de 1903. Segundo a colaboradora, “instruir os nossos é o primeiro dever dos que compreenderem as nossas necessidades e por isso eu venho nestas linhas dirigir um apelo às nossas associações para que acariciando a ideia lançada à luz por *O Exemplo*, [...], seja transformada em um fato” (D’Aguiar, 1904, p. 1). Tal apelo converge para que os membros das associações, em especial as que têm fins recreativos, percebam que

Não será difícil a todas as associações, com fracos auxílios pecuniários, sustentar aulas noturnas de que tanto carecemos e que constituirão, de certo, o agente melhorador das nossas condições intelectuais e do nosso estado moral (D’Aguiar, 1904, p. 1).

D’Aguiar (1904), leitora atenta dos diversos temas debatidos no jornal *O Exemplo*, com atenção especial àqueles que tratam de aulas noturnas, assegura que a abertura de um estabelecimento popular de ensino é uma necessidade dos “homens de cor” que possibilitaria o melhoramento de suas condições intelectuais. Nessa direção, conclamar as associações e os particulares a levar a luz da instrução para o maior número daqueles que dela careciam tornou-se uma bandeira de luta. Na sequência, Sousa assegura que, “[...] acatar a sugestão de *O Exemplo* da abertura de aulas noturnas consistia em lançar luz sobre a obscuridade da ignorância e trabalhar para o melhoramento das condições intelectuais da raça” (2019, p. 147). Logo, agitar as associações e solicitar seus auxílios em prol da abertura de escolas e aulas noturnas é uma bandeira necessária para o usufruto de direitos negados especialmente aos “homens de cor”.

Bahia e Zubaran (2016) registram a defesa de uma proposta de escolas. Elas afirmam que, no início do século XX, a editoria de *O Exemplo* enfatizou a necessidade da institucionalização de aulas noturnas e públicas “por meio da construção de uma Escola Noturna, justificada tanto pelo fato dos filhos dos pobres e dos operários trabalharem de dia, como também para elevação intelectual e moral dos ‘homens de cor’” (Bahia; Zubaran, 2016, p. 14). As autoras ainda indicam que, para “além da instrução ser representada como redentora de todos os males, há também a ideia de que a instrução era responsável pela formação do caráter moral dos cidadãos” (Bahia; Zubaran, 2016, p. 14).

Por fim, toma-se a referência de Sousa (2019) quando escreve que os discursos relacionados à abertura de escolas e aulas noturnas são amplamente divulgados pelo jornal *O Exemplo*, de modo que os filhos do povo, do operariado e da classe pobre pudessem gratuitamente receber instruções das primeiras letras, a par de outras atividades manuais, necessárias para qualquer pessoa e, assim, pudessem gozar de seus direitos, inclusive, da maior riqueza que se pode aspirar, a instrução. Tem-se que, para os primeiros republicanos, a escola foi idealizada, conforme Carvalho, Neto e Carvalho, não somente como “regeneradora do país, mas também propulsora do progresso e do desenvolvimento social e econômico” (2016, p. 257).

CONSIDERAÇÕES

O presente texto inscreve esta investigação no campo da História da Educação, com recorte racial definido, contribuindo com os estudos da historiografia da Educação ao destacar as formas tradicionais de representação de escolas e aulas noturnas para “os homens de cor” a partir dos editores e colaboradores do jornal *O Exemplo*. Este texto utilizou-se das lentes teóricas e metodológicas da História Cultural para análise dos textos que foram arrolados e que denunciam as representações do passado. Logo, o texto procurou investir na desnaturalização que os estudos históricos demonstram, tanto no que se refere a essa escola aberta e para todos; quanto às experiências que ensejaram exclusão e abandono desse espaço.

Por conseguinte, este escrito procurou identificar, entre os anos de 1895 e 1904, as representações que os editores e colaboradores do jornal *O Exemplo* elaboraram em torno da criação de escolas e aulas noturnas como espaços que promoveriam a redenção dos “homens de cor”. A análise dos documentos, então, operou sob o conceito de representação, sugerindo três ponderações: o primeiro, um afastar-se do cancro da “ignorância” a partir de escolas e aulas noturnas que estavam ao alcance dos “homens de cor”; o segundo, uma responsabilização das associações e da sociedade, de modo geral, de trabalhar em favor de tal obra; e, por último, mas não menos importante, a inscrição de escolas e aulas noturnas a partir dos sentidos e especificidades atribuídos à instituição escolar que, mesmo não representando uma alteração concreta no que se refere às questões financeiras, ela, a escola, representava um bem simbólico e cultural.

Nesse sentido, fica posto que os editores e colaboradores do jornal *O Exemplo* empreendem diferentes e diversos esforços no sentido de incutir nos “homens de cor” a necessidade de se elevarem acima da “ignorância”. Tal necessidade estava presente em uma sociedade pós-abolição, ou seja, que buscava a conformação de um novo perfil de “homens de cor”, moral e intelectualmente desejáveis. Logo, a “escola seria o local que lhes muniria com as ferramentas necessárias para o combate da vida” (Fadul; Galvão, 2020, p. 472), inclusive, no que tange a enfrentar os preconceitos que recaem sobre seu pertencimento racial.

A análise indica que a bandeira da instrução, levada a cabo pelos editores e colaboradores do jornal *O Exemplo*, ao incentivar a criação de escolas e aulas noturnas, sugere pensar que esse ato é um sinônimo de generosidade, “em prol desses infelizes ignorantes”. Ou seja, incentivar o melhoramento do estado intelectual dos “homens de cor” torna-se um prenúncio, “um despertar de consciências”.

Assim, fica posto que a luz que espanta as trevas da “ignorância” é a instrução, chave para abrir cérebros obscurecidos, bem como para despertar consciências. Nesse sentido, ao lado da instrução é possível ver o “progresso”.

Para encerrar, cabe registrar que a pesquisa empreendida sobre as escolas e aulas noturnas ao alcance dos “homens de cor”, no recorte temporal abordado, tencionou dar visibilidade à pluralidade de contextos que constituíam o passado de um grupo racial particular que lutou em prol do levantamento moral e intelectual dos “homens de cor” a partir da escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAHIA, Cristina Camaratta Lins. *Aprendendo a ser negro (a): representações sobre educação/instrução e pedagogias culturais no jornal O Exemplo (1892-1910)*. Dissertação (Mestrado em Educação). Porto Alegre: Universidade Luterana do Brasil, 2016.

BAHIA, Cristina Camaratta Lins; ZUBARAN, Maria Angélica. *Aprendendo a Ser Negro(a): Representações sobre Educação/Instrução e Pedagogias Culturais no Jornal O Exemplo (1892-1910)*. XV Seminário de Educação. Educação e Interdisciplinaridade percursos teóricos e metodológicos. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2016.

CAMPOS, Raquel Discini de. No rastro de velhos jornais: considerações sobre a utilização da imprensa não pedagógica como fonte para a escrita da história da educação. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas-SP, v. 12, n. 1 (28), p. 45-70, jan./abr., 2012.

CARDOSO, Miguel. Atualidade I. *O Exemplo: Propriedade de uma Associação*. Porto Alegre, RS, p. 1-4, 25 jun. 1893.

CARVALHO, Carlos Henrique; NETO, Wenceslau Gonçalves; CARVALHO, Luciana Beatriz de Oliveira Bar de. O projeto modernizador à mineira: reformas administrativas e a formação de professores (Minas Gerais, 1906-1930). *História da Educação*, v. 20, n. 49, p.255-271, 2016.

CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

CORBIN, Alain. O prazer do historiador. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol. 25, n. 49, p. 11-31, jun. 2005.

CORSETTI, Berenice. Cultura política positivista e educação no Rio Grande do Sul/Brasil (1889/1930). *Cadernos de Educação: FaE/PPGEDU/UFPel*. Pelotas, julho/dezembro, 2008.

D'AGUIAR, Carmem. Por uma ideia. *O Exemplo: Jornal do Povo*. Porto Alegre, RS, p. 1-4, 11 set. 1904.

FADUL, Cecília Rodrigues; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Escolas de memórias: representações da escola entre novos letrados (Minas Gerais, décadas de 1900 a 1930). *Cadernos de História da Educação*, v. 19, n. 2, p. 459-480, 2020.

FONSECA, Marcus Vinícius. A população negra no ensino e na pesquisa em história da educação no Brasil. In: FONSECA, Marcus Vinícius; BARROS, Surya Aaronovich Pombo de (orgs.). *A História da Educação dos Negros no Brasil*. Niterói: EdUFF, 2016.

FONSECA, Marcus Vinícius; BARROS, Surya Aaronovich Pombo de (orgs.). *A História da Educação dos Negros no Brasil*. Niterói: EdUFF, 2016.

GIL, Natália; GRANDO, Luísa. História da escolarização da criança pobre: algumas imbricações entre escola, trabalho infantil e caridade (Rio Grande do Sul, Brasil). *Currículo sem Fronteiras*, v. 22: e 1920, 2022.

GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LUCA, Tania Regina de. *A Ilustração (1884-1892): circulação de textos e imagens entre Paris, Lisboa e Rio de Janeiro*. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

MULLER, Liane Susan. *As contas do meu rosário são balas de artilharia: Irmandade, jornal e sociedades negras em Porto Alegre 1889-1920*. Porto Alegre: Pragmatha, 2013.

O EXEMPLO. O Exemplo. *O Exemplo: Propriedade de uma Associação*. Porto Alegre, RS, p. 1-4, 11 dez. 1892.

O EXEMPLO. A questão de ensino II. *O Exemplo: Propriedade de uma Associação*. Porto Alegre, RS, p. 1-4, 03 nov. 1895.

O EXEMPLO. Escola noturna. *O Exemplo: Jornal do Povo*. Porto Alegre, RS, p. 1-4, 05 ago. 1902a.

O EXEMPLO. Nossa Escola. *O Exemplo: Jornal do Povo*. Porto Alegre, RS, p. 1-4, 12 out. 1902b.

O EXEMPLO. O Atheneu Popular. *O Exemplo: Jornal do Povo*. Porto Alegre, RS, p. 1-4, 11 dez. 1902c.

O EXEMPLO. O Atheneu Popular II. *O Exemplo: Jornal do Povo*. Porto Alegre, RS, p. 1-4, 18 dez. 1902d.

PERES, Eliane Teresinha. *“Templo de Luz”: os cursos noturnos masculinos de instrução primária da Biblioteca Pública Pelotense (1875-1915)*. Pelotas: Seiva Publicações, 2002.

PEREIRA, Lúcia Regina Brito. *Cultura e afrodescendência: organizações negras e suas estratégias educacionais em Porto Alegre (1872-2002)*. Tese (Doutorado em História), Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2008.

PERUSSATTO, Melina Kleiner. Escola noturna ‘O Exemplo’: educação e emancipação dos trabalhadores na imprensa negra do pós-abolição (Porto Alegre, Rio Grande do Sul). *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 22, e217, 2022.

PERUSSATTO, Melina Kleinert. *Arautos da liberdade: educação, trabalho e cidadania no pós-abolição a partir do jornal ‘O Exemplo’ de Porto Alegre (1892-1911)*. Tese (Doutorado em História), Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018.

PESAVENTO, Sandra Jatamy. *História e história cultural*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar (Brasil: 1890-1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RODRIGUES, Felinto. Demonstração produtora – Os preconceitos – I. *O Exemplo: Jornal do Povo*. Porto Alegre, RS, p. 1-4, 07 ago. 1904a.

RODRIGUES, Felinto. Demonstração produtora – Os preconceitos – II. *O Exemplo: Jornal do Povo*. Porto Alegre, RS, p. 1-4, 14 ago. 1904b.

SANTOS, José Antônio dos. *Prisioneiros da História: trajetórias intelectuais na imprensa negra meridional*. Tese (Doutorado em História). Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2011.

SILVA, João Carlos da. Utopia positivista e instrução pública no Brasil: alguns apontamentos. *Varia Scientia*, v. 5, n. 9, p. 79-88, 2007.

SILVA, Noemi Santos da. *Direito de aprender: a educação nas lutas negras por emancipação (Paraná, 1853-1910)*. Tese (Doutorado em História). Campinas/SP: Universidade Estadual de Campinas, 2023.

SOUSA, Ricardo Costa de. Aulas noturnas ao alcance dos “homens de cor”: a bandeira da instrução no jornal O Exemplo (Porto Alegre, RS, 1895-1904). *MÉTIS – história & cultura* v. 23, n. 45, jan./jun. 2024.

SOUSA, Ricardo Costa de. *Instrução e circulação da palavra escrita: o caso do jornal O Exemplo (Porto Alegre, RS, 1892-1930)*. Tese (Doutorado em Educação). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019.

SOUSA, Ricardo Costa de; CAMARGO, Cássio Michel dos Santos. Intelectuais negros: a instrução no jornal O Exemplo (PORTO ALEGRE/RS, 1892-1897). *Revista África e Africanidades*. Ano XVI – ed. 46, maio de 2023.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (orgs). *Histórias e memórias da educação no Brasil*, vol III: século XX. 4 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

UMA DEMOCRATA. Coragem! O EXEMPLO. *O Exemplo: Jornal do Povo*. Porto Alegre, RS, p. 1-4, 19 out. 1902.

VEIGA, Cynthia Greive. Escola pública para os negros e os pobres no Brasil: uma invenção imperial. *Revista Brasileira de Educação*, v. 13, n. 39, set./dez. 2008.

ZUBARAN, Maria Angélica. Comemorações da liberdade: lugares de memórias negras diaspóricas. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 15, n. 27, p. 161-187, jul. 2008.